

ADENITE EQUINA: RELATO DE CASO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

MAJOLO, Sabrina^{1*}; KOVALESKI, Luccas Matheus Balbinot¹; SCHNEIDER, Eduarda¹; POSENATO, Andria Stuchi¹; KIRINUS, Jackeline Karsten².

Palavras-chave: bem-estar, enfermidade, garrotilho.

1 INTRODUÇÃO

Conforme cresce o rebanho de equinos torna-se necessário aperfeiçoar os cuidados relacionados ao bem-estar animal, tais como indicadores clínicos, etológicos e endocrinológicos. Neste sentido, vários setores têm se organizado a fim de evitar o estresse e o aparecimento de enfermidades infectocontagiosas, como a adenite equina, conhecida como garrotilho e causada pela bactéria do gênero *Streptococcus equi* (GONTIJO et al., 2014).

Tendo em vista a importância do manejo para obtenção do bem-estar equino, foram coletados dados por meio eletrônico de profissionais residentes na região Sul do Brasil sobre a ocorrência da adenite equina.

2 RELATO DE CASO

Foi enviado um questionário para 21 profissionais residentes em Chapecó e Mafra (Santa Catarina) e São Borja (Rio Grande do Sul). Destes, apenas 47,6% (10/21) responderam as perguntas. Dos que responderam, 70% (7/10) relataram casos clínicos de adenite equina.

Os relatos corroboram com os descritos por Silva e Vargas (2006), onde os primeiros sinais clínicos geralmente são observados dos sete aos 14 dias após a infecção, e incluem secreções nasais, tosse, falta de apetite, febre, apatia, aumento de linfonodos e anorexia.

Também, foi solicitado para os entrevistados informações referente aos possíveis meios de transmissão ou fatores de risco associados com a enfermidade. Neste contexto, eles confirmaram uma maior incidência do garrotilho em animais mais jovens após o período de desmame; e em equinos de todas as idades, em épocas

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da UCEFF_Chapecó.

² Docente do curso de Medicina Veterinária da UCEFF_Chapecó.

*contato para correspondência: sabrinamajolo@yahoo.com.br

mais frias do ano. GUTIÉRREZ (2013) descreve que é indispensável diminuir a aglomeração dos animais já infectados, tanto em viagens quanto situações que possam provocar estresse. Além disso, manejos como a desinfecção rigorosa de fômites evitam a disseminação do patógeno.

Apesar da adenite equina possuir baixa letalidade, alguns entrevistados descreveram haver óbitos de animais não imunizados ativamente por meio de vacinação, enquanto os animais que mantinham um protocolo de vacinação foram menos propensos à doença. Também, foi relatado perda de peso e performance quando o diagnóstico foi tardio, concordando com o risco de sequelas descrito por Silva e Vargas (2006).

Quanto a confirmação do diagnóstico laboratorial através do isolamento bacteriano, este item foi relatado como pouco efetuado pelos profissionais, ou seja, os animais eram tratados com protocolos já definidos diante da suspeita clínica. Este fato é preocupante, visto a importância do correto diagnóstico e a verificação do perfil de susceptibilidade aos antimicrobianos utilizados. Pesquisas confirmam que o *S. equi* é susceptível à penicilina e sulfazotrim (KIRINUS, 2011), mas isso não dispensa a utilização segura dos antimicrobianos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a ocorrência de adenite equina é um fato preocupante na região Sul do Brasil. Infelizmente, grande parte dos profissionais que atuam no setor não adotam métodos de confirmação laboratorial para um diagnóstico e tratamento eficaz.

Verifica-se um comprometimento da relação de manejo e bem-estar dos animais, fato que pode contribuir para a disseminação da enfermidade. Portanto, sugere-se que sejam realizadas campanhas de conscientização para o manejo adequado dos animais e o uso correto de antimicrobianos.

4 REFERÊNCIAS

GONTIJO, L. A. et al. Bem-estar em equinos de policiamento em Curitiba/PR: indicadores clínicos, etológicos e ritmo circadiano do cortisol. **Ciência Rural**, v. 44, n. 7, p. 1272-1276, 2014.

GUTIÉRREZ, M. P. A. Strangles: the most prevalent infectious respiratory disease in horses worldwide. **Revista CES Medicina Veterinária y Zootecnia**. v. 8, n. 1, p. 143-159, 2013.

KIRINUS, J. K.; POTTER, L.; GRESSELER, L. T.; LEITE, F. L. L.; VARGAS, A. P. C. Perfil fenotípico e susceptibilidade antimicrobiana de *Streptococcus equi* isolados de equinos da região Sul do Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 31, n. 3, p. 231-238, 2011.

SILVA, M. S.; VARGAS, A. P. C. Adenite Equina: Aspectos clínicos, agente etiológico e métodos de diagnóstico. **Arquivos do Instituto Biológico**, v. 73, n. 4, p. 493-498, 2006.